

## COMO OS LIVROS DIDÁTICOS ABORDAM AS HETEROGENEIDADES SOCIAIS?

Data de aceite: 27/02/2023

Telma Ferraz Leal

Dayane Marques da Silva

### 1 | INTRODUÇÃO

Como, nos livros didáticos, são abordadas as heterogeneidades sociais? Com que propósitos se inserem orientações ou sugestões de atividades relativas à diversidade humana?

Essas questões são o ponto de partida para as reflexões neste capítulo, realizadas a partir de dados de uma pesquisa sobre heterogeneidade e alfabetização, na qual foram analisados documentos diversos, como teses, dissertações, propostas curriculares, assim como práticas de professores. O nosso recorte recai sobre como livros didáticos destinados aos anos iniciais do Ensino Fundamental abordam a diversidade humana, ou seja, analisaremos as orientações presentes nos manuais dos professores sobre como lidar com as heterogeneidades sociais e as atividades propostas nos livros dos alunos, buscando identificar se e como abordam diferentes identidades sociais.

### 2 | DIVERSIDADE HUMANA, HETEROGENEIDADE E ENSINO

A heterogeneidade humana abarca uma gama ampliada de fatores de variação. Se, de fato, todos são iguais, por serem humanos, todos são diferentes, por serem indivíduos, e cada ser constitui-se por um conjunto de identidades sociais, cada uma aproximando-o de outros indivíduos detentores das mesmas identidades (étnico-raciais, religiosas, de gênero, de região, dentre outras).

Fonseca (2018) aborda essa temática das identidades sociais em um estudo em que analisou quais “elementos culturais e sociais que a escola Municipal Rural Indígena Pe. Augusto Cabrolié apresenta como sendo propulsores para a identificação do povo Kambeba da Comunidade Betel” (FONSECA, 2018, p. 18). Buscou identificar situações que contribuíam para o fortalecimento da identidade Kambeba na Comunidade Betel, partindo das prescrições da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da “história e cultura Afro-brasileira e indígena”.

Por meio da observação direta, entrevista semiestruturada e diário de campo, foram coletadas informações de 98 participantes da pesquisa (gestores, professores indígenas e não-indígenas, secretário escolar, Pedagogo, lideranças e pais de alunos). Os dados indicaram

que o grupo Kambeba, da comunidade Betel, concebe a escola como lugar onde são ensinados conhecimentos científicos. As análises evidenciaram que o ensino não tinha foco na interculturalidade crítica. Desse modo, não contribuía para o fortalecimento da identidade Kambeba. Podemos, assim, inferir que havia um modelo de sociedade que não incluía aspectos relativos à cultura local. Temos discutido ao longo desta coleção o quanto é difícil romper com esse modelo.

Rodrigues (2017) analisou as possibilidades para transgressão do modelo urbano de ensino (seriado, homogeneizado) para a prática docente em turmas multisseriadas nas escolas do campo, por meio da análise das práticas pedagógicas realizadas na Escola Municipal do Campo Senador Alô Guimarães, situada na comunidade Passo Amarelo, do município Fazenda Rio Grande, Região Metropolitana de Curitiba/Paraná. Essa escola era a única localizada no campo com turmas multisseriadas de uma comunidade de Curitiba/Paraná. A pesquisa evidencia que para o ensino em turmas multisseriadas acontecer de forma qualificada, é necessário garantir uma consistente formação continuada de professores voltada para essa particularidade, pois, das três docentes analisadas, duas, em suas entrevistas, demonstraram dificuldade no trabalho em sala de aula, devido à diversidade de assuntos e dos alunos da turma multisseriada.

Em relação aos elementos da prática pedagógica para possibilidades de transgressão, o Projeto político pedagógico da escola foi construído coletivamente, com participação dos educadores, Núcleo de pesquisas em educação do campo e a comunidade, que contribuíram de forma substancial para levar em consideração as especificidades do campo. A sala de aula era organizada em diferentes espaços e tempos, sem distinção de séries/anos. Os alunos eram divididos em grupos que se aproximavam quanto às idades, ou seja, por ciclos. Havia uma valorização da autonomia do aluno. Quando os educandos terminavam suas atividades, podiam ajudar o colega ou pegar um livro para ler, pois na sala de aula havia uma biblioteca organizada pela docente. Existia também a prática pedagógica fora da sala de aula, pois, segundo Rodrigues (2017, p. 106-107), “A comunidade e a escola são espaços vivos, cheios de experiências, saberes e cultura. É necessário aproveitar esses espaços para a consolidação da aprendizagem, tornando, assim a aprendizagem significativa para os educandos.” Havia, enfim, possibilidades de transgressão do modelo seriado homogeneizado.

Rodrigues (2017), nesse estudo, defende a importância das turmas multisseriadas nas escolas do campo e o rompimento da perspectiva de seriação e homogeneização que geralmente é realizada nas escolas urbanas, ressaltando que a diversidade da multisseriação contribui para formação humana, na infância, na adolescência, valorizando os sujeitos do campo e a socialização, para a ampliação da visão de mundo e a inserção

da comunidade na escola.

Para romper com as prática homogeneizadoras, portanto, diferentes estratégias podem ser desenvolvidas por professores. Jardim (2018) trata, por exemplo, da estratégia de favorecer o trabalho colaborativo. O foco do trabalho é no uso dessa estratégia para o ensino do Sistema de Escrita Alfabética, no entanto as reflexões podem ser transferidas para a abordagem de outros conteúdos curriculares. A metodologia constou da análise da própria prática pedagógica em uma turma do 1º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Pelotas.

A autora defende que diferentes fatores influenciam o desempenho escolar, como ambiente familiar, fatores culturais e emocionais e explicita a necessidade de reconhecimento das singularidades dos alunos. E é sobre tais singularidades individuais que repousam as bases para o planejamento das estratégias. Segundo Jardim (2018, p. 89):

O professor é o grande orquestrador (FREITAS, 1994) dos processos de aprendizagem. Seu desafio não é ofertar as mesmas interações a todos, mas, sim, identificar a heterogeneidade presente em sua sala de aula e, a partir dela, propor situações em que as interações sejam favorecidas, pois, para cada criança, será preciso criar algo que a ajude e esteja de acordo com a sua necessidade. É assim que o professor estará garantindo às crianças os seus direitos de aprendizagem, realizando interações específicas e diferenciadas, conforme as necessidades que possuem, sem perder de vista a riqueza do espaço coletivo que é a sala de aula.

A professora-pesquisadora defende o pressuposto de que a heterogeneidade é inerente a toda relação humana e pode potencializar o processo de aprendizagem. Para tal, salienta a importância da avaliação diagnóstica e diversificação de atividades, assim como o trabalho em grupos colaborativos. A colaboração, portanto, é o valor fundamental subjacente às situações didáticas.

Diferentes estratégias foram identificadas no estudo, as quais podem favorecer aprendizagens diferenciadas, atendendo às necessidades diferenciadas dos estudantes. Tais estratégias foram importantes no caso investigado para garantir a participação efetiva das crianças nas situações didáticas e agregar aprendizagens. No entanto, não foi discutido se as estratégias eram suficientes para colaborar com a construção identitária e valorização da diversidade social. Neste estudo, nosso foco é nas orientações e estratégias para lidar com as heterogeneidades sociais.

Sá (2016) apresenta algumas estratégias para lidar com a heterogeneidade social encontrada nas turmas multisseriadas da educação do campo. São elas:

A organização de festivais de música, repentes e teatro, seminários de produção, feiras de ciência, campeonatos esportivos, dentre outros, tem o potencial de remexer e envolver as pessoas do lugar. Assim, as escolas nas áreas rurais podem vir a constituírem-se em polos aglutinadores da população, em função de seus interesses e necessidades, valorizando e ampliando seus referenciais culturais. Poderíamos ter a escola como espaço de construção de identidades (individuais e coletivas), criando experiências que favoreçam que as crianças pensem o campo e se identifiquem com ele como espaço de saberes, culturas e lutas (SÁ, 2016, p. 68).

As estratégias expostas acima, a partir de Sá (2016), também podem ser utilizadas no contexto das turmas em ciclos, pois contribuem para a valorização da comunidade da qual os alunos fazem parte, para o compartilhamento e a construção das identidades sociais.

### 3 | DIVERSIDADE HUMANA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Tendo como ponto de partida a defesa da necessidade de considerar as heterogeneidades nos processos educativos, torna-se de fundamental importância a reflexão sobre os materiais didáticos que podem contribuir para esse ensino.

Com foco em questões relativas ao trabalho com heterogeneidade em livros didáticos, Prestes (2020) objetivou compreender como o livro didático de Língua Portuguesa denominado *Tecendo Linguagens*, destinado ao 9º ano do ensino fundamental, aborda as realidades amazônicas e trabalha a cultura paraense, assim como trata aspectos relativos às demais populações consideradas politicamente como minorias. Buscou, portanto, lançar um olhar “histórico crítico sobre os aspectos ideológicos presentes nos textos e imagens deste material ou silenciados pela memória institucionalizada” (PRESTES, 2020, p. 21).

O critério de seleção da obra foi o seu uso em uma escola ribeirinha localizada na ilha Pacuí, cidade de Cameté – Pará. Os dados evidenciaram memórias hegemônicas (classe dominante) em diferentes textos do livro didático. Foram raras as orientações ou atividades em que a região amazônica é representada. A ênfase em regiões do Brasil privilegiadas socioeconomicamente evidencia a centralidade em algumas culturas e espaços sociais, invisibilizando experiências de diferentes grupos que compõem a sociedade.

O livro, composto por 8 capítulos, referencia a Amazônia em apenas um capítulo, ainda assim de forma superficial. Expõe apenas uma comunidade indígena, reduzindo-a a citações folclóricas e homogeneizadoras. Para Prestes (2020, p. 91):

Repensar os usos da memória no LD de LP é necessário para que possamos entender o sentido do material didático em qualquer disciplina que seja, bem como se estes atendem a realidade vivida pelos alunos de cada região

de nosso país, pois vivemos em um Brasil diverso, e não podemos buscar uma identidade nacional, pois há diferentes classes sociais. Neste estudo, após nossas análises, compartilhamos com Hall (2004), quando diz que na verdade essa ideia de cultura nacional é uma estrutura de poder cultural, que simplesmente amarra todas as diferenças em uma única identidade nacional, pois sabemos que não existe, e é esta ideia que o LD de LP traz em seus textos e imagens, de uma cultura nacional.

Outro estudo sobre heterogeneidade e livros didáticos foi conduzido por Caixêta Júnior (2019), que objetivou “analisar a interseccionalidade entre gênero e diversidade sexual encontradas no livro didático de História e de Ciências do 9º ano do ensino fundamental, para verificar se e como estas podem relacionar-se com a proposta de uma educação na diversidade para a cidadania” (CAIXETA, 2019, p. 26).

A pesquisa constou do mapeamento do estado de conhecimento em dois livros didáticos (História e Ciência) sobre gênero e diversidade sexual no período de 2007 a 2018 (*História: Sociedade e Cidadania*, Alfredo Boulos Junior, FTD; *Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano*, Eduardo de Leite do Canto, Editora Moderna). Desse modo, refletiu sobre o corpo e a sexualidade humana, identificando as referências a gênero e diversidade sexual. A metodologia - pesquisa bibliográfica e documental - teve como fundamento a interseccionalidade, que tem foco na interação de dois ou mais núcleos de categorização, ou seja, de diferentes categorias quanto à heterogeneidade.

Os resultados apontaram que no livro de História há imagens e textos que remetem à categoria gênero. Há primazia do gênero masculino desde a Apresentação, com referência “ao aluno”. No livro de Ciências igualmente há uso de marcas de gênero masculino: “aos senhores Pais”; “aos estudantes”. As imagens também revelam tal primazia, pois predominam as representações do gênero masculino, com exceção da Unidade 4, que trata da temática reprodução humana. A categoria diversidade sexual também é precária nas obras. Nos livros não há textos nem imagens que remetam a essa discussão, com prevalência das representações sobre heterossexualidade. Tais resultados alertam a necessidade de discussão sobre o papel desses materiais didáticos na formação humana para a diversidade. Assim, Caixeta (2019, p. 143) afirma que

O livro didático necessita promover uma educação inclusiva, que acolha a todos e não normalizar as ideologias do poder e das diferenças, já que a manutenção destas condutas promove a proliferação de relações autoritárias e manutenção das relações de poder nos indivíduos enquanto seres humanos iguais, que se apresentam diferentes ao mundo.

Em relação a esta pesquisa, nosso objetivo é identificar como os livros didáticos de Língua Portuguesa dos anos iniciais do ensino fundamental abordam as heterogeneidades

sociais. Compreendemos que as diferenças individuais também agregam identidades e, portanto, heterogeneidades sociais. No entanto, nesta pesquisa temos denominado heterogeneidades sociais as que remetem a grupos sociais, como: heterogeneidade de gênero, de orientação sexual, geracional, de classe social, étnico-racial e regional.

## 4 | METODOLOGIA

Este estudo é um recorte da pesquisa “Heterogeneidade e alfabetização: concepções e práticas”. Tem como foco a análise de livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental, nas escolas que se apresentaram como campo de pesquisa em outras etapas do projeto geral.

Foram adotados os pressupostos da análise documental, propostos por Bardin (2011), tendo como corpus coleções que foram aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), abrangendo o PNLD Campo/2016 e PNLD Ensino Fundamental – séries iniciais/2016, selecionados a partir do mapeamento no site do FNDE/MEC<sup>1</sup>. As coleções escolhidas foram:

Autor	Título	Editora	Quantidade de páginas	Tipo de organização (temático ou por gênero?)
Ana Triconi; Terezinha Berti; Vera Marchezi Marisa Martins Sanchez	Ápis: letramento e alfabetização/ 1º ano	Ática	416	Organizado por gênero
	Ápis: letramento e alfabetização/ 2º ano		376	
	Ápis: letramento e alfabetização/ 3º ano		408	
Marisa Martins Sanchez	Projeto Buriti Português: letramento e alfabetização/ 1º ano	Moderna	256	Organizado por tema
	Projeto Buriti Português: letramento e alfabetização/ 2º ano		255	
	Projeto Buriti Português: letramento e alfabetização/ 3º ano		399	

1. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Ministério da Educação.

Isabella Carpaneda; Angiolina Bragança/ José Roberto Bonjorno; Regina Azenha; Tânia Gusmão	Novo Girassol Saberes e Fazeres do Campo: letramento e alfabetização e alfabetização matemática/ 1º ano	FTD	272	Organizado por tema
	Novo Girassol Saberes e Fazeres do Campo: letramento e alfabetização e geografia e história/ 2º ano		286	
	Novo Girassol Saberes e Fazeres do Campo: letramento e alfabetização e geografia e história/ 3º ano		285	

Quadro 1. Dados gerais das coleções escolhidas

## 5 | RESULTADOS

O Quadro a seguir sintetiza os dados obtidos sobre os tipos de heterogeneidade social contemplados nos livros didáticos.

Categorias	Coleção Ápis: letramento e alfabetização						Projeto Buriti Português: letramento e alfabetização						Novo Girassol Saberes e Fazeres do Campo: letramento e alfabetização					
	Vol. 1		Vol. 2		Vol. 3		Vol. 1		Vol. 2		Vol. 3		Vol. 1		Vol. 2		Vol. 3	
	G	E	G	E	G	E	G	E	G	E	G	E	G	E	G	E	G	E
Diversidade (de modo geral)	X		X		X				X				X		X		X	
Orientação sexual																		
Religião					X				X		X	X						
Classe social						X			X		X	X	X	X	X	X	X	X
Geracional				X		X						X	X	X	X	X	X	X
Gênero					X		X		X	X		X		X		X	X	X
Étnico-racial		X			X	X			X		X	X	X	X	X	X	X	X
Região		X		X		X			X		X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 2 - Tipos de heterogeneidade contempladas nos livros didáticos

Legenda:

G: Comentários gerais, que contemplam diferentes tipos de heterogeneidades.

E: Comentários ou atividades que contemplam um tipo específico de heterogeneidade.

Nos livros foram encontradas algumas recomendações gerais para o trabalho com heterogeneidade social. As conclusões apontadas foram que as heterogeneidades foram

de algum modo tratadas nas coleções analisadas, sobretudo na coleção Novo Girassol, como princípios gerais para todos os volumes. A coleção Ápis também apresenta princípios gerais, mas são mais inespecíficos, sem citação dos tipos de heterogeneidade, com exceção do Volume 3, que indica vários tipos. Já em relação à coleção Projeto Buriti, tais princípios gerais aparecem apenas no Volume 2, em decorrência da temática geral de uma unidade.

Há, nos dados, um “compromisso” com o respeito à diversidade humana. São discursos mais genéricos acerca da importância de reconhecer que há pluralidade de identidades na sociedade e que a escola precisa considerá-la. Tal como discutido por Ramos (2011), o reconhecimento dessa diversidade por meio de discursos generalistas nem sempre contribui, de fato, para o desenvolvimento de atitudes e de conhecimentos de valorização identitária, combate aos preconceitos e luta pela garantia de direitos:

O respeito à diferença, abordada como diversidade, pluralidade, mosaico cultural, múltiplas identidades originais com direito a ter sua dignidade reconhecida por expressarem a riqueza do humano, conduz à proposição de práticas de convivência baseadas na aceitação e na tolerância, o que pode ser feito sem que se questione como pressuposto político a forte hegemonia do discurso moderno, marcado pelo ímpeto colonialista de universalização dos princípios que enuncia, condição de afirmação do discurso de Direitos Humanos produzido pela modernidade que, nesses termos, é incompatível com os interesses da diferença e da democracia (RAMOS, 2011, p. 211-212).

Em diálogo com Ramos (2011), defendemos a necessidade de uma abordagem mais aprofundada, que foque em diferentes tipos de heterogeneidade por meio da construção de discursos efetivos e proposições práticas. Nas coleções analisadas, identificamos, além dos comentários gerais, referências específicas a vários tipos de heterogeneidade, tal como descrito no Quadro 2. Faremos uma reflexão mais detalhada acerca de como esses vários tipos de heterogeneidade são tratados.

## **Orientação sexual**

Nenhuma coleção fez referências à heterogeneidade quanto à orientação sexual. Ressaltamos que a orientação sexual é um importante aspecto do desenvolvimento humano. Historicamente, a formação familiar considerada “tradicional” (pai, mãe e filhos) dentro do sistema patriarcal, e também baseada na concepção religiosa cristã, reforçou a ideia de “pecado” sobre a homossexualidade. Na escola, tais preconceitos estão presentes nos modos como estudantes e profissionais se relacionam e no silenciamento acerca desses processos interativos. Em uma perspectiva inclusiva, a escola pode se tornar um importante espaço de desconstrução de “tabus” construídos socialmente. Pode atuar por meio de estratégias de tratamento de conhecimentos acerca desse tema, combate



aos preconceitos e fortalecimento de identidades dos estudantes, contribuindo para a construção de atitudes de respeito.

Cassab e Martins (2003) apontam que o livro didático é um importante recurso para o auxílio da prática docente na educação básica. Não conter referências quanto à heterogeneidade de orientação sexual é reforçar estereótipos. Martins e Hoffman (2007) pontuam a necessidade de abordar o tema, pois, considerando a diversidade sexual, consequentemente social e de gênero, os livros devem adaptar-se às mudanças socioculturais que acontecem na sociedade.

## Religião

A heterogeneidade religiosa aparece em três dos nove livros analisados. Ainda assim, em dois deles é referenciada apenas nas orientações gerais dos manuais dos professores. Orientações específicas sobre tal diversidade ocorrem apenas no Volume 3 da coleção Projeto Buriti:

Orientações para a atividade da seção “Proposta de trabalho com leitura de livro”: livro “Declaração universal do moleque invocado”, de Fernando Bonassi. (Coleção Projeto Buriti, p. 367)

O livro de Bonassi é inspirado na *Declaração dos Direitos da Criança*, escrita em 20 de novembro de 1959. O autor cita dez princípios e todos eles devem ser respeitados:

### 1º princípio

Toda criança deve ter seus direitos atendidos, não importa sua cor, raça, religião, língua, se é menino ou menina, rico ou pobre [...].

Desde que nascem, todas as crianças são consideradas cidadãs e devem participar da vida em sociedade. Ter direitos e deveres não se restringe às pessoas que atingiram a maioridade. De acordo com a Constituição brasileira, as crianças, justamente por serem pequenas, são amparadas pela legislação. Refletir em sala de aula sobre os direitos e deveres da criança – que, por exemplo, não pode ser discriminada por sua raça, cor, religião, origem social ou qualquer outra condição -, ajudando os alunos a conviver e a resolver conflitos, é tarefa fundamental para formar cidadãos capazes de agir de modo mais ético, justo e igualitário (Coleção Projeto Buriti, Vol. 3, p. 362-363).

Nos extratos expostos, o direito às práticas religiosas é citado como um direito da criança e do adolescente previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, remetendo à necessidade de cultivar o respeito à diversidade. Tal pressuposto é importante, porém essa explicitação não é suficiente, pois, como afirma Junqueira e Kluck (2018), o livro didático, no que tange ao ensino religioso, precisa proporcionar questionamentos e reflexões no seu fazer pedagógico acerca da diversidade religiosa e cultural brasileira.

## Classe social

A categoria classe social é citada em seis dos nove livros, com predominância de referências em orientações gerais nos manuais dos livros didáticos, com poucas reflexões sobre o tema.

A Coleção Ápis apresenta orientações nas atividades do livro do aluno do Volume 3, embora sejam escassas. Por exemplo, em uma atividade de interpretação de um texto há recomendação de considerar aspectos ligados à classe social:

Edgar tem sonhos

- a) que sonhos são esses?
- b) e você, tem sonhos para o futuro? Fale sobre um.
- c) há alguma semelhança entre os sonhos de Edgar e os seus?
- d) por que será que Edgar fala que quer ter filhos apenas meninos?

Prof., os alunos devem analisar que as condições em que Edgar vive são precárias. Pode ser que o fato de querer meninos seja para que também possam ajudar nos trabalhos mais pesados. Outro fato pode ser a idade: nessa idade, geralmente os meninos preferem a companhia de outros meninos. É interessante que os alunos se posicionem frente a isso e também analisem as próprias preferências, pois neste ano encontram-se na mesma faixa de idade de Edgar (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 252).

Na Coleção Projeto Buriti há trechos com referências gerais a vários tipos de heterogeneidade, incluindo as de classe social nos volumes 2 e 3 e indicação mais específica quanto ao tema no Volume 3.

5º Agora leia um texto de Daniel Mundukuru.

(trecho do texto)

“Aos sete anos (1971) entrei na Escola Salesiana do Trabalho, de onde só saí quando concluí o primeiro grau (1979). [...] lá desenvolvi um grande amor às crianças pobres e marginalizadas, uma vez que minha família vivia em situação econômica muito delicada e eu precisei trabalhar desde cedo [...]”.

[...] Circule no texto as expressões que marcam o tempo dos acontecimentos (Coleção Buriti, Vol. 3, p. 102).

Na Coleção Novo Girassol, há referências comuns aos três volumes, em que a categoria classe social permeia as orientações aos professores, na medida em que há a demanda de que os docentes conheçam os princípios e finalidades da educação do Campo definidas pelas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2001/2004). Destacamos, em relação a tais princípios, os que indicam que

[...] as especificidades de grupos humanos como os assalariados, agricultores, ribeirinhos, pescadores, indígenas e quilombolas sejam consideradas na elaboração nos planos de ensino e de aula (Novo Girassol, Vol. 1, 2 e 3, p. 199).

Em continuidade a essa orientação, afirma-se que os docentes precisam conhecer as peculiaridades culturais, sociais, econômicas e políticas do campo, comprometendo-se com o desenvolvimento sustentável das comunidades contempladas pela Educação do Campo. Apesar de tal indicação, a coleção não investe em proposições de atividades específicas com tal propósito. Há, no entanto, uma proposta de atividade que remete à discussão sobre classe social:

Você sabia que existem muitos jeitos de morar?

Observe as moradias a seguir.

(há seis fotografias com diferentes tipos de moradia em diferentes contextos: palafitas, oca, barro, alvenaria, barraco e madeira)

Responda oralmente:

Algumas dessas casa se parece com a sua? Qual?

Do que você mais gosta na sua casa?

O que você costuma fazer na sua casa? (Novo Girassol, Vol. 1, p. 48).

A atividade descrita acima possibilita que os estudantes desenvolvam a capacidade de observar, comparar, analisar a realidade. Ao se sugerir que observem moradias em imagens que retratam residências de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, o livro favorece discussões que remetam às desigualdades sociais. No entanto, é preciso ressaltar que não há orientações mais específicas que conduzam o debate a esse tema.

## Geracional

A diversidade geracional é referenciada em seis dos nove livros didáticos. Na coleção Ápis, Volumes 2 e 3, há atividades que favorecem a valorização e interação entre gerações em proposições de eventos de letramento literário, como ilustrado a seguir:

Conto e reconto

Prof., solicitar aos alunos que peçam aos pais, avós ou a algum adulto que contém uma fábula para eles. Esse é um bom momento para que os alunos percebam como uma história passa de geração a geração (Ápis, Vol. 2, p. 207).

Introdução: Era uma vez...

Ouvir e contar histórias sempre foram formas de reunir pessoas. Até chegarem

aos livros, muitas histórias foram conhecidas por serem contadas oralmente, de geração a geração.

Depois da invenção da imprensa, as histórias que antes só eram transmitidas oralmente começaram a ser impressas e ilustradas também (Ápis, Vol. 3, p. 10).

**Na coleção Projeto Buriti, foi identificada uma atividade no Volume 3 que contribui com essa temática:**

O que eu vejo

Observe a imagem e converse com os colegas.

O que elas estão fazendo?

Será que estão se lembrando de momentos?

Como elas parecem estar se sentindo?

Agora, fale de você:

- Você gosta de lembrar momentos que já passaram?

- O que ajuda você a recordar: fotos, diário, amigos?

- Você compartilha suas lembranças com a família? (Buriti, Vol. 3, p. 36/37)

Orientações ao professor (p. 301)

O que eu vejo

[...] Pergunte aos alunos se algum deles possui álbum de fotografia em casa ou se seus familiares costumam manter fotos em arquivo digital, no computador.

Pergunte aos alunos o que gostam de lembrar e o que pode ajuda-los a manter as lembranças: fotografias, diários, ouvir histórias de outras pessoas etc. Peça-lhes que digam com quem conversam a respeito de suas lembranças (com amigos, familiares, colegas de escola, dentre outros), se costumam ouvir relatos de acontecimentos passados de familiares ou de outras pessoas mais velhas. Pergunte se algum deles já compartilhou momentos semelhantes aos das personagens retratadas na imagem. É importante ressaltar o valor desses momentos e a oportunidade de saber um pouco mais a respeito do passado dos familiares e dos momentos que marcaram a vida deles. Comente que as vivências das pessoas mais velhas podem servir de exemplo para as novas gerações e que grande parte das invenções que permeiam a vida cotidiana foi idealizada por pessoas de outras épocas (Buriti, Vol. 3, p. 301).

Na coleção Novo Girassol, a heterogeneidade geracional é referenciada na parte de apresentação da fundamentação geral dos três volumes, de modo pontual, e há recomendação de respeito a pessoas de diferentes gerações, assim como valorização de saberes de pessoas de diferentes faixas etárias, havendo atividades em que se recomenda a vivência de eventos de conversa protagonizados por pessoas mais velhas, como no exemplo a seguir:

Atividade 2:

Responda oralmente:

Se Renata estivesse em casa, a avó precisaria ter deixado um bilhete para ela?

Qual é o motivo do bilhete? (Novo Girassol, Vol. 1, p. 66).

Em diversas situações, podemos estar com outras pessoas. Veja (4 fotografias)  
Responda oralmente: Quais pessoas da sua família moram com você? Quem são seus melhores amigos? O que você acha que é preciso fazer para viver bem com outras pessoas? (Novo Girassol, Vol. 2, p. 7).

As brincadeiras e os brinquedos mudam com o passar do tempo. Observe os brinquedos a seguir. (imagens)

Converse com seus colegas.

a. Como você imagina que as crianças brincavam com esses brinquedos?

b. Você aprendeu alguma brincadeira com seus avós? Qual? (Novo Girassol, Vol. 3, p. 34).

## Gênero

A diversidade de gênero é referenciada em sete dos nove livros. É citada nas orientações gerais de quatro livros: coleção Projeto Buriti (Volume 3) e Novo Girassol (todos os volumes), apenas como sinalização de que precisa ser considerada no processo pedagógico.

No Volume 3 da Coleção Ápis, há orientação específica a questões de gênero:

[..] Há momentos em que a gíria não é adequada, pois é necessária uma linguagem mais formal, mais cerimoniosa, como é o caso do bilhete 4.

Prof., comentar com os alunos que as gírias variam muito de acordo com a época, lugar e grupo social. Assim, gírias usadas pelas crianças de uma cidade podem não ser compreendidas por crianças de outras cidades ou regiões, e assim por diante. Há gírias específicas de alguns grupos sociais, isto é, expressões típicas do falar de alguns profissionais, de pessoas de idades semelhantes, de grupos de mesmo gênero, entre outros (Ápis, Vol. 3, p. 94).

Na Coleção Projeto Buriti há atividades que remetem a esse tema nos volumes 1 e 2, porém não há reflexão crítica que de fato favoreça o desenvolvimento de atitudes de combate aos preconceitos e fortalecimento da identidade feminina, tal como exemplificado a seguir:

3. Converse com meninas e meninos de sua classe. Pergunte a eles qual é o brinquedo de que mais gostam e registre nos quadros abaixo. Nome do colega: Brinquedo preferido: 4. Anote o nome dos brinquedos campeões em sua classe. Brinquedo preferido dos meninos. Brinquedo preferido das meninas (Buriti, Vol. 1, p. 34).

2. Observe estes objetos

(No livro estão as seguintes ilustrações: baldinho de praia, boné, biquíni, maiô, guarda-chuva, prancha, bola, sunga, protetor solar, toalha rosa e raquetes)

a) Escreva uma lista de objetos que cada criança poderia levar à praia.

No livro didático consta:

(ILUSTRAÇÃO DE UMA MENINA)

(ILUSTRAÇÃO DE UM MENINO) (Buriti, Vol. 2, p. 169).

No volume 3 da Coleção Novo Girassol, há referência específica relativa à heterogeneidade de gênero no Volume 3, conforme ilustrado a seguir.

Complete o quadrinho com as palavras do quadro a seguir (peixinhos, pinguelinha, chinelinho). Responda oralmente.

a) Nos retângulos azuis foram escritos substantivos masculinos ou femininos? E no retângulo amarelo? (Novo Girassol, Vol. 3, p. 81).

Segundo Scott (1990), gênero é uma categoria que estuda as relações culturais e sociais entre homens e mulheres. Diante disso, são construídos socialmente papéis do que seria fazer “coisa de homem” e fazer “coisa de mulher”. Nossa cultura sedimenta a relação de poder que existe entre esses papéis, impondo-nos muitas vezes formas de viver, de trabalhar, de se relacionar. Quando o livro didático aborda de forma superficial a relação entre esses paradigmas, possibilita a perpetuação da visão de mundo estereotipada, naturalizando preconceitos com o que é considerado diferente do que está posto. Vicovski (2017, p. 12) reflete sobre essa questão:

A presença do livro didático nas escolas e dentro das salas de aula é tão rotineira para os futuros ou já experientes professores/as, que se deixa passar a sua utilização sem questionamentos sobre o que ele representa e como ele oferece as informações aos alunos e alunas de todos os níveis escolares. O livro didático passa por várias etapas até chegar à sala de aula, ele sofre várias intervenções, seja pelo autor/a, seja pela editora. O modo como vai ser escrito o conteúdo, a escolha das imagens: tudo isso é intervenção do autor ou autora. Esse instrumento pedagógico é um veículo de saberes bem como de transmissão de ideologias e de valores, que irão, no final, formar a consciência do (a) aluno (a). O livro didático de história pode ajudar a construir representações sobre as questões de gênero, que sem a devida discussão com os alunos e alunas, pode perpetuar estereótipos. As questões de gênero são pensadas e apresentadas nos livros didáticos da forma que a

sociedade deseja, reafirmando papéis normativos para homens e mulheres.

## Étnico-racial

Assim como as categorias tratadas anteriormente, a heterogeneidade étnico-racial também não é suficientemente abordada nas coleções.

Em relação à coleção Ápis, nos três volumes da coleção há diversidade étnica nas imagens, mas não há favorecimento de discussões sobre temas que remetam à valorização dessa diversidade ou ao combate ao preconceito. Além das imagens, no Volume 1 (p. 260) há indicação de leitura de uma reportagem que poderia gerar discussões relativas à valorização de comunidades indígenas e no Volume 3 há reportagens que abordam a diversidade étnica de muitas famílias que vivem no Brasil.

Atividade oral e escrita

1) Observe o texto principal da reportagem:

2) Leia com a professora este trecho:

Leitura de uma reportagem sobre as crianças de uma aldeia, valorizando seus costumes e informando que elas são bilingües (Ápis, Vol. 1, p. 260).

v. Estrutura específica do volume do 3º ano

3. Orientações específicas e complementares para cada unidade

Unidade 11 – Reportagem

Orientações específicas

1. Para algumas crianças, a conversa pode parecer uma salada de idiomas. No dia a dia de algumas crianças há até bom dia em japonês, até logo em italiano e bom apetite em inglês. Elas moram no Brasil, mas seus pais vieram de outros países. Dessa forma, muitas vezes essas crianças confundem as línguas, trocam letras e palavras (THOMAZ, Paula. Salada de idiomas. Folha de S. Paulo. São Paulo, 25 Abr. 2009. Folhinha.)

Na aldeia camaiurá, que fica no Xingu, as meninas brincam de imitar as danças que o peixe ensinou às mulheres, principalmente no dia seguinte à festa Jawari, que ocorre no meio do ano. Fazer cabo de guerra com cipó é a outra diversão." (CARDOSO, Clarice. Dia do Índio: sem ou com cocar. Folha de S. Paulo. São Paulo, 19 de abr. 2008. Folhinha.) (Ápis, Vol. 3, p. 38).

Na coleção Projeto Buriti essa categoria é citada como orientação geral nos volumes 2 e 3 e é abordada no Volume 3, como ocorre nas páginas 114-115, em que a imagem de uma obra que representa crianças do Sri Lanka é apresentada com questões para conversa, além de um texto de Ruth Rocha, que remete à formação do povo brasileiro, que, embora não seja acompanhado de orientações para a discussão, pode colaborar para a

## construção das atitudes de respeito a essa diversidade:

1º Leia esse autorretrato.

Eu sou a Ruth Rocha

Eu sou paulista. Nas minhas origens, baianos, mineiros, cariocas. Com muitos portugueses bem lá atrás e algum sangue bugre ou negro – quem sabe? -, que se traduz na minha cor de cuia quando apanho sol. Gosto muito de sol, praia e de mar. De música e de livros. De cantar, dançar e rir. Gosto muito de gente. Principalmente de criança.

Converse com os colegas da classe.

- a) Em que estado Ruth Rocha nasceu?
- b) As pessoas da família dela vêm de quais lugares?
- c) É apresentada alguma característica física da autora?
- d) Ruth Rocha gosta de que? (Buriti, Vol. 3, p. 110).

**A coleção Novo Girassol contém imagens que remetem à diversidade étnica em todos os volumes da coleção, além de ter orientações gerais em partes comuns aos três volumes, em que a diversidade étnica aparece juntamente com outras categorias:**

É preciso uma articulação maior entre a escola e a comunidade em que está inserida, entre o conhecimento escolar e os saberes e fazeres do campo, para que os sujeitos dessa educação sejam os muitos povos do campo, organizados em acampamentos, assentamentos, agrovilas, comunidades ribeirinhas, aldeias indígenas, quilombos e outros espaços sociais (Novo Girassol, Vol. 1, p. 198).

**Há também na coleção Novo Girassol, mesmo que poucas, atividades que tratam de comunidades indígenas, como o exemplo a seguir, no Volume 1:**

Atividade 1: Você vai ler um trecho do livro *Coisas de índio*, escrito pelo indígena Daniel Munduruku. Ele conta como as casas são organizadas nas aldeias.

Atividade 2:

Responda oralmente:

Na sua opinião, todas as aldeias têm a mesma forma?

Atividade 3:

Acompanhe a leitura do professor para saber se o que você pensou se confirma.

Responda oralmente:

De que povos indígenas o texto trata?

De acordo com o texto, qual é a semelhança entre as aldeias do povo Xavante



e do povo Munduruku?

(há três fotografias mostrando aldeias indígenas) (Novo Girassol, Vol. 1, p. 56-57).

1. A cena a seguir ilustra o trecho de uma história. Que história é essa? (imagem da história do Patinho feio nascendo) - Comente com os seus colegas: O que você vê na cena? Como é o patinho que nasceu? Se você acha que ele é feio ou apenas diferente. O que você acha que vai acontecer com esse patinho tão diferente. Acompanhe a leitura do professor e veja se o que você pensou se confirma.

A imagem retrata a mãe pata (branca), três patinhos amarelos com expressão de susto e um patinho cinza nascendo (Novo Girassol, Vol 2, p. 21).

Na sua opinião, todas as crianças vivem da mesma maneira? Do que você acha que uma criança precisa para viver? Há uma imagem mostrando a diversidade de crianças quanto à etnia, ao gênero e à região (Novo Girassol, Vol. 3, p. 7).

**A discussão sobre diversidade étnica é enfrentada por diferentes autores, como Pereira (2001):**

Numa sociedade racialmente plural e comprometida com os ideais de democracia, não há como fugir da responsabilidade de se focar o racismo como um grande problema social e, como consequência, aliciar todas as instâncias formadoras de opinião pública para esclarecer e combater atitudes preconceituosas e ações discriminatórias, como as igrejas, partidos políticos, sindicatos, mundo empresarial e assim por diante. Nessa linha de combate, atenção especial deve ser dada à mídia que, com mensagens atraentes, avassaladoras e acríicas, pode, impunemente, exacerbar ou diminuir o apelo etnocêntrico dos diferentes grupos em convivência social (p. 176).

Além de defender esse papel da escola no combate ao preconceito, o autor defende que a escola tem o papel de promover a formação profissional, garantir as aprendizagens, pois, segundo ele, a educação “É uma forma, uma bela forma, de combater o racismo, não apenas o racismo-preconceituoso, que tanto incomoda, mas combater o racismo-discriminador, aquele que de fato exclui e marginaliza” (p. 177).

## **Região**

A diversidade regional foi a que mais foi contemplada nos livros analisados (8 dos 9 livros), com ênfase em variação linguística. Os exemplos da coleção Ápis ilustram como a variação linguística é abordada:

Além das atividades sistematizadas na seção *Práticas de oralidade*, o exercício das habilidades inerentes às atividades orais de linguagem está implícito nos trabalhos efetivos de escuta e de compreensão de textos presentes em outras seções e em diferentes situações reais de interlocução, como:

- Em situações didáticas em que o aluno deve reconhecer **variedades linguísticas** ao fazer escolhas entre os usos regionais e informais da língua e os usos da norma urbana de prestígio em contextos sociolinguísticos reais (Coleção Ápis, Vol. 1, p. 351; Vol. 2, p. 319; Vol. 3, p. 343).

Além da variação linguística, há um comentário de que existe diversidade nos traços das letras maiúsculas entre as regiões:

3. Seções das unidades nos volumes do 1º, 2º e 3º anos.

Quadro:

Seção: Produção de texto

Descrição: Proposta de produção de textos vinculados ao gênero textual em foco nas unidades com a finalidade de

[...]

- escolhas de linguagem, **variedades linguísticas** ou recursos expressivos para dar conta de seus propósitos de comunicação.

Em síntese, traçar para descobrir, traçar para desenhar, traçar para se divertir, traçar para motivar a escrita, traçar para desenvolver um uso pessoal na escrita cursiva.

**Observação: Neste trabalho, além das peculiaridades estilísticas e pessoais, devem ser consideradas ainda as diferenças regionais. Especialmente em relação à letra cursiva maiúscula, pode haver alterações mais características de região para região** (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 358).

A variação linguística regional, portanto, é bem representada na Coleção Ápis. As atividades transcritas a seguir ilustram tal recorrência:

[..] Há momentos em que a gíria não é adequada, pois é necessária uma linguagem mais formal, mais cerimoniosa, como é o caso do bilhete 4.

Prof., comentar com os alunos que as gírias variam muito de acordo com a época, lugar e grupo social. Assim, gírias usadas pelas crianças de uma cidade podem não ser compreendidas por crianças de outras cidades ou regiões, e assim por diante. Há gírias específicas de alguns grupos sociais, isto é, expressões típicas do falar de alguns profissionais, de pessoas de idades semelhantes, de grupos de mesmo gênero, entre outros (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 94).

Variedades linguísticas: o formal e o informal

A expressão **tá ligada** é uma **gíria** muito usada entre jovens. Gírias são palavras ou expressões usadas por alguns grupos. Algumas são mais populares, e você provavelmente conhece e deve usar várias delas. “da hora”, tipo assim”, “causar”, “tô ligado”, “é massa”, “legal”...

Há momentos em que a gíria é adequada, pois a situação é mais espontânea, mais informal, como no bilhete 3

Há momentos em que a gíria não é adequada, pois é necessária uma linguagem mais formal, mais cerimoniosa, como é o caso de bilhete 4.

Prof., comentar com os alunos que as gírias variam muito de acordo com a época, lugar e grupo social. Assim, gírias usadas pelas crianças de uma cidade podem não ser compreendidas por crianças de outras cidades ou regiões, e assim por diante. Há gírias específicas de alguns grupos sociais, isto é, expressões típicas do falar de alguns profissionais, de pessoas de idades semelhantes, de grupos de mesmo gênero, entre outros (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 94).

3) Leia a tirinha a seguir:

Magali com as mãos juntas no peito solicita à pinóquio que conte mais uma mentira para que o nariz dele cresça e alcance uma fruta na árvore.

Balão de Magali:

“Vai, Pinóquio! Conta só mais uma mentirinha!”

a) Na tira, Magali:

( ) dá uma ordem a Pinóquio

( ) dá um conselho à Pinóquio

( ) faz um pedido a Pinóquio

O que Magali espera que aconteça? (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 211-212).

### Outras orientações foram encontradas no Volume 3 da Coleção Ápis:

[...]- Localizar no mapa do Brasil a região em que as crianças da reportagem vivem e a região onde os seus alunos estão.

- Questionar os alunos sobre as semelhanças e as diferenças constatadas entre o cotidiano escolar das crianças da reportagem e o vivido por eles.

- Listar com os alunos os aspectos do cotidiano dos alunos de outra escola que se assemelham aos deles e também os que se diferenciam.

- Enfatizar os aspectos dos relatos que possibilitam aproximações da noção de igualdade quanto aos direitos, quanto a dignidade e que embasam a valorização da diversidade cultural (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 384).

## V. Estrutura específica do volume do 3º ano

### 3. Orientações específicas e complementares para cada unidade

#### Unidade 8 – Relato pessoal

Orientações complementares:

#### 2. Interdisciplinaridade

- As imagens e os relatos sobre a escrita e a história do nome de cada uma das crianças colaboram para que o leitor seja capaz de “reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer”, um dos objetivos da área da Geografia para o primeiro ciclo do ensino Fundamental (Brasil. PCN, vol.5, Geografia, p. 13).

- Enfatizando o aspecto destacado pelos PCN de Geografia, conversar com os alunos sobre:

a) como deve ser o lugar em que cada criança vive com base na observação das vestimentas;

b) como deve ser o cotidiano de cada criança com base na observação das expressões fisionômicas e da história do nome de casa uma;

c) que semelhanças e que diferenças podem ser percebidas entre o cotidiano de cada uma e o das crianças brasileiras da região em que os alunos vivem;

[...]

Listar com os alunos as semelhanças e as diferenças entre o cotidiano de crianças que vivem no Brasil (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 381).

#### Práticas de oralidades

#### 1. Conversa em jogo

##### Modos de viver e conviver

Depois de ouvir os relatos de cada um, conversem: Há muitas diferenças no modo de viver de cada um? Como devemos agir diante das diferenças entre as pessoas?

Prof., este é um momento para refletir sobre a diversidade regional, cultural e social. É fundamental que reflitam também sobre o respeito que se deve ter por essas diferenças e quanto é necessário que as pessoas se preocupem e ajudem os que têm uma condição mais carente. É bom que conversem sobre as dificuldades de acesso a sistemas médicos, a livros, etc. (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 252).

O rato da cidade e o rato do campo (Coleção Ápis, Vol. 3, p. 321/322)

A fábula sugerida para leitura possibilita reflexões sobre estilo de vida de grupos sociais do campo e da cidade.

### 1. Conversa em jogo

Modos de viver e conviver

### 2. Relato oral

Você conheceu um pouco sobre o dia a dia das crianças que vivem à beira do rio Amazonas e que têm de conviver com muita água durante uma boa parte do ano. Passam sua “infância nas águas”.

Conversem sobre como é o dia a dia de cada um da turma. Vocês podem descobrir coisas interessantes sobre o modo de viver dos colegas!

1. Prepare o seu relato para ser ouvido pelos colegas
2. Espere sua vez e, quando falar, olhe sempre para aqueles que estão escutando. Procure falar de forma que todos ouçam, devagar para que todos entendam.

E, quando for sua vez de ouvir, não interrompa quem estiver falando. Mas, se precisar perguntar alguma coisa, levante a mão e aguarde para falar.

Prof., este é um momento importante para refletir sobre a diversidade regional, cultural e social. É fundamental que reflitam também sobre o respeito que se deve ter por essas diferenças e quanto é necessário que as pessoas se preocupem e ajudem os que têm uma condição mais carente. É bom que conversem sobre as dificuldades de acesso a sistemas médicos, a livros etc.

(Coleção Ápis, Vol. 3, p. 253)

Como pode ser evidenciado nos dados expostos, a diversidade regional foi a mais contemplada na Coleção Ápis, embora nos Volumes 1 e 2 a atenção seja centrada no fenômeno da variação linguística. No Volume 3, no entanto, a discussão é mais abrangente, possibilitando reflexões sobre cultura e estilos de vida.

Variação linguística também aparece na coleção Projeto Burity, mas de forma menos recorrente. No Volume 1 este tipo de heterogeneidade não é tratado. No Volume 2 há uma breve referência ao trabalho com variações linguísticas quanto ao fator regional:

#### TEXTO 2

Você vai ler um poema. Leia-o em voz alta e aprecie o ritmo dos versos.

AS DUAS AVÓS (Canção de ninar)

Vovó do **sítio**

Faz pãozinho de queijo

E salada de fruta  
Pra gente lanchar.  
Vovó da **cidade**  
Compra torta importada  
De tamanho gigante  
Pra impressionar  
E me leva ao shopping  
E compra caramelo  
E o sapato mais belo  
Que há.

Vovó da **cidade**  
Faz um travesseiro  
Todo perfumado,  
Cheio de macela  
E logo cedinho  
Faz chá de laranja  
E arroz-doce  
Com muita canela.  
Eu nunca pensei  
Que a vida pudesse,  
Com duas avós  
Ser assim tão bela.  
E fico feliz  
De ter elas duas  
Todinhas para mim.  
Vovó do **sítio**  
Faz boneca bonita  
Com laço de fita  
Pra neta brincar (Buriti, Vol. 2, p. 74,75, 76).

Diferentemente dos outros volumes, no Volume 3 este tema é abordado de modo recorrente, como pode ser ilustrado pelos exemplos a seguir:

1º Leia.

- Que trem doído, sô! (Minas Gerais)

- Trilegal, tchê! (Rio Grande do Sul)
- Irado demais! (Rio de Janeiro)
- Que legal, meu! (São Paulo)
- Que coisa arretada! (Bahia)

As expressões indicam modos de falar de algumas regiões do Brasil. Na situação ilustrada, todas elas têm o mesmo significado.

a) O que as falas indicam? Marque X.

As falas indicam que as pessoas estão assustadas

As falas indicam que as pessoas estão admiradas

As falas indicam que as pessoas não estão interessadas.

b) Que outra expressão você usaria para explicar o sentido das apresentadas acima?

BOX: O uso de palavras e expressões diferentes nas várias regiões do país é chamado de **variação regional de vocabulário**. A convivência entre pessoas de diferentes regiões contribui para ampliar a cultura e enriquecer o vocabulário. Falar diferente não é falar errado.

Balão de fala: “No Rio Grande do Sul, guri é o mesmo que menino”.

2º Explique o sentido das palavras destacadas nas frases.

a) A criança está **reinando** no sofá. (expressão baiana)

b) Você pode **tirar o cavalinho da chuva**. (expressão mineira)

c) João mora **nos cafundós**. (expressão paulista)

3º Reescreva as frases, substituindo a expressão regional destacada pela equivalente dos quadrinhos.

Bem-vestida

Moça

Muito ateira

a) A namorada do meu primo é uma **prenda** linda. (Rio Grande do Sul)

b) Essa criançada é **da pá virada**. (Minas Gerais)

c) A mãe de Mariana está **nos trinques**. (Bahia)

4º Associe as colunas de acordo com as variações regionais.

Bololô (Minas Gerais)

Levado (São Paulo)

Istiquinha (Minhas Gerais)

Migalha

Confusão

Peralta

5° Certos alimentos mudam em algumas regiões do Brasil. Ligue as palavras com o mesmo significado.

Macaxeira

Tangerina

Pão de sal

Beiju

Chã de dentro

Abóbora

Coxão mole

Pão francês

Tapioca

Bergamota

Jerimun

Aipim

6° Leia.

**Semáforo** é um sinal que orienta o trânsito de motoristas e pedestres nas ruas e rodovias. Como é chamado esse sinal onde você mora?

Semáforo

Farol

Sinal

Sinaleiro

Sinal luminoso

Sinaleira

(Professor)

Variação regional de vocabulário.

Vivemos em um país extenso, que apresenta uma grande diversidade cultural. Muitos brasileiros migram para outros estados, proporcionando a difusão das culturas e disseminando uma variedade de expressões regionais. Assim, é possível escutar pessoas usando expressões mineiras ou nordestinas no estado de Santa Catarina, por exemplo. E também ouvir expressões típicas do Rio Grande do Sul no estado da Bahia [...].

Aproveite esta aula para mostrar aos alunos que a variedade regional não deve ser objeto de discriminação, e sim reconhecida como um traço cultural da riqueza do povo brasileiro. Comente com eles que as variações linguísticas



da fala das diferentes comunidades do país não impedem a compreensão dos textos. Isso ocorre porque, apesar dessa multiplicidade real, há uma invariabilidade: a língua, cujas palavras têm grafia unificada. Essa é uma das razões que justificam a adequação às normas estabelecidas. Fale ainda sobre as palavras e-ou expressões que, embora escritas e pronunciadas da mesma forma, apresentam significado diferente conforme a região onde são empregadas.

Variações linguísticas são as diversas realizações que uma língua apresenta de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas dos falantes. Essas condições produzem palavras, expressões e construções que são usadas por determinados grupos. Jovens, crianças, médicos, artistas, etc. estabelecendo um código distinto de comunicação (Buriti, Vol. 3, p. 25-27).

A variação linguística, como foi dito, é tratada nos volumes 2 e 3 da coleção Projeto Buriti. Além dessa abordagem dessa dimensão da diversidade regional, há, no Volume 2, um poema em que a narradora é uma criança que tem uma avó no campo e uma na cidade (p. 74 a 76), o que pode favorecer reflexões sobre as semelhanças e diferenças entre esses dois contextos. No Volume 3, maior diversidade de abordagem desse tipo de heterogeneidade é encontrada. Há, por exemplo, uma atividade de interpretação de um conto de assombração: “Quando eu não consigo dormir” (p. 144), em que no Manual do Professor aparece a seguinte orientação:

Os contos de assombração devem ser apresentados como um dos meios de expressão da cultura popular e da diversidade cultural no Brasil e no mundo. Leia outras histórias do folclore brasileiro e proponha questões comparativas sobre as diferentes experiências de vida que brotam nos múltiplos rincões do Brasil (Projeto Buriti, Vol. 3, p. 351).

A coleção Novo Girassol também contemplou de maneira recorrente a diversidade regional, o que se explica, em parte, pela destinação do material: educação do campo. Ela foi submetida ao Edital do PNLD Campo.

A variação linguística é um dos temas tratados na coleção, conforme exemplo a seguir:

2. Leia em voz alta as palavras a seguir.

RABANETE

ABÓBORA

Responda oralmente:

nessas palavras, a letra R tem o mesmo som?

Que som tem a letra R na palavra RABANETE?

E na palavra ABÓBORA?

Ao lado das palavras e suas imagens tem uma flor segurando o vegetal (personagem do livro) com um balão escrito: Como este vegetal é chamado na sua região: Jerimum ou Abóbora? (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 23).

Nesta coleção, no entanto, há, em alguns trechos, a explicitação do pressuposto de que é necessário respeitar as diversas variedades, mas é papel da escola ensinar a variedade de prestígio, que é urbana:

Quando chegam à escola, os alunos dominam uma determinada variedade linguística e, por meio dela, são capazes de participar das interações orais, que acontecem dentro e fora da sala de aula. [...] um dos objetivos do ensino da língua materna é o de preparar os alunos para participar adequadamente de situações públicas formais, nas quais se exige o emprego de uma das variedades urbanas de prestígio [...]. Assim, não se espera nesse começo de vida escolar que os alunos dominem as variedades urbanas de prestígio, mas que as conheçam e percebam a necessidade de usá-las, de acordo com a situação de comunicação (Coleção Novo Girassol, Vol. 1, 2, 3, p. 211).

Apesar de recomendar o ensino da variedade padrão, que é urbana, há ainda a informação de que também no contexto urbano há variação e que há diferenças entre falar e escrever:

6. Cante com seus colegas e professor um trecho dessa canção.

“Vamo pulá”

[...]

Responda oralmente.

a. Por que a palavra **vamo** foi escrita sem o **s** final?

É importante levar a turma a perceber que as palavras **vamo** e **pulá** foram escritas da forma como são geralmente pronunciadas. Comente que, na fala, mesmo nas regiões urbanas, muitas vezes as palavras e expressões terminadas em **s** ou **r**, como **vamos**, **esperamos**, **pular**, **cantar**, **escrever** são pronunciadas sem o **s** e o **r** finais.

Escreva na lousa: “E quando você pula, pula até suar”. Em seguida, peça aos alunos que leiam o verso em voz alta, assim terão a oportunidade de comparar a pronúncia entre “você pula” e “vamo pulá” (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 73).

Na Coleção Novo Girassol também são encontradas atividades voltadas para o conhecimento e valorização do campo, como é ilustrado nos exemplos a seguir:

O sol e a chuva influenciam no desenvolvimento de uma plantação? Por quê?

Orientação ao professor:

“O objetivo da atividade é chamar a atenção dos alunos para o fato de o calor e a umidade influenciarem no desenvolvimento das plantas” (Coleção Novo

Girassol, Vol. 1, p. 89).

Na sua opinião, que tipo de plantação, além das que já existem, poderia ser cultivada na região onde você mora? Justifique (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 54).

Quais frutas são plantadas na região onde você mora?

Quais são suas frutas preferidas? (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 55).

Que cantigas são cantadas na sua comunidade? (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 22).

Quais são as festas comemoradas na sua comunidade?

Que tipo de música as pessoas dançam nessas festas?

Você gosta de forró? (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 31).

Questão após o cartaz publicitário do Banco do Brasil com imagem de uma cidade construída por alimentos naturais (estratégia)

3. Marque a resposta adequada. A intenção de criar a cidade dessa maneira foi:

( ) deixar a cidade bonita

( ) valorizar o trabalho do agricultores e dizer que a maioria dos alimentos consumidos pelas pessoas são produzidos no campo (Coleção Novo Girassol, Vol. 2, p. 89).

Para você, quais as vantagens de morar perto da natureza?

Como é a natureza do lugar onde você mora?

Que tipos de animais e plantas são mais comuns na sua região. Comente com seus colegas (Coleção Novo Girassol, Vol. 3, p. 70).

Os trechos acima mostram que a coleção busca levar as crianças conhecer e valorizar a região onde moram. Além desse trabalho, há, ainda, propostas que buscam refletir sobre as dificuldades relativas à vida no campo:

Leia os cartazes elaborados por alguns alunos para uma campanha sobre como evitar a contaminação no campo.

As atividades de processamento de matérias-primas de origem animal ou vegetal podem causar impacto negativo nos recursos naturais, se os resíduos

gerados forem lançados aos mananciais de água ou ao solo sem tratamento adequado. O pequeno produtor rural deve entender que, mesmo que as atividades de processamento de produtos tenham mínimo impacto ambiental, há a necessidade de seguir normas para evitar contaminação. Portanto, essa atividade de produção mobilizará os alunos, pois eles informarão a comunidade sobre medidas simples que evitam a contaminação da água (Coleção Novo Girassol, Vol. 3, p. 79).

Leia a matéria jornalística a seguir sobre o armazenamento de água em Santana do Acaraú, uma cidade do Ceará.

### 3. Responda

Na sua opinião, a captação de água da chuva é importante em lugares com pouca água? Por quê? (Coleção Novo Girassol, Vol. 3, p. 73-74).

Há, ainda, nesta coleção, textos e atividades que não explicitam a necessidade de reflexão sobre questões regionais, mas remetem à cultura campesina, tal como transcrito a seguir:

Atividade 1:

Observe a ilustração da capa do livro *A galinha ruiva* e responda às questões:

O que a galinha carrega na cesta?

Na sua opinião, por que ela está segurando uma enxada?

Por que será que a galinha está levando milho na cesta? (Coleção Novo Girassol, Vol. 1, p. 17).

Todos os exemplos dados em relação à heterogeneidade de região evidenciam grandes diferenças entre as coleções. Nas coleções Projeto Buriti e Ápis não há referência a essa heterogeneidade nos comentários gerais, que listam alguns tipos de diversidade, e nas referências mais específicas o foco é quase exclusivo a questões de variação linguística. Pouquíssimas atividades favorecem reflexões sobre outros aspectos culturais da diversidade de regiões. Na coleção Novo Girassol, por ser um material dedicado à Educação do Campo, há grande ênfase a tal discussão, diversificando as abordagens.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este capítulo delimitando nosso objeto de reflexão: Como livros didáticos destinados aos anos iniciais do Ensino Fundamental abordam a diversidade humana? Quais são as orientações nos manuais dos professores sobre como lidar com as heterogeneidades sociais? Quais tipos de atividades abordam diferentes identidades sociais?

O primeiro diálogo foi feito com o estudo de Fonseca (2018), que, por meio da

investigação de uma escola indígena, evidenciou que a unidade educacional estudada não contribuía para o fortalecimento da identidade Kambeba, pois reproduzia um modelo de sociedade que não incluía aspectos relativos à cultura local da comunidade e, portanto, não contribuía para a identidade étnica. Neste estudo aqui relatado, a identidade étnica é uma das categorias de análise, focando não apenas a identidade indígena, mas também a identidade negra e de outros grupos étnicos. Defendemos, portanto, a necessidade de as escolas fortalecerem tais identidades que compõem a diversidade humana.

Também no tópico 2, dialogamos com alguns estudos que focaram na heterogeneidade regional, com foco central na identidade campesina. Sá (2016) ilustrou os modos como tal identidade pode ser focada em turmas multisseriadas, assim como Rodrigues (2017). Nesse último estudo citado, há uma importante discussão sobre as possibilidades para transgressão do modelo urbano de ensino (seriado, homogeneizado) para a prática docente em turmas multisseriadas nas escolas do campo. Foram analisadas práticas pedagógicas em uma escola multisseriada do campo e os dados mostraram que duas das três professoras participantes da pesquisa tinham dificuldades para lidar com o ensino nessas escolas. A pesquisa, para problematizar tal questão, apresenta e discute alguns elementos que contribuem para o rompimento com o modelo padronizado, homogeneizador. Cita que o Projeto político pedagógico da escola foi construído coletivamente, a sala de aula foi organizada em diferentes espaços e tempos, sem distinção de séries/anos, com divisão dos estudantes em grupos que se aproximavam quanto às idades e valorização da autonomia dos alunos e atitudes colaborativas entre eles. Nas conclusões há a defesa de que a diversidade da multisseriação contribui para formação humana, na infância, na adolescência, valorizando os sujeitos do campo e a socialização, para a ampliação da visão de mundo e a inserção da comunidade na escola. Enfim, este estudo aborda um outro tipo de heterogeneidade social, que é a regional, com foco na identidade campesina.

Esse tipo de heterogeneidade – regional – foi discutido inicialmente por meio da síntese do estudo realizado por Prestes (2020), que objetivou compreender como o livro didático de Língua Portuguesa denominado *Tecendo Linguagens*, destinado ao 9º ano do ensino fundamental, adotado em uma escola ribeirinha da cidade de Cametá, PA, aborda as realidades amazônicas e trabalha a cultura paraense. Os dados evidenciaram que foram raras as orientações ou atividades em que a região amazônica é representada na obra, que prestigia algumas culturas e espaços sociais privilegiados no cenário brasileiro, invisibilizando experiências de diferentes grupos que compõem a sociedade. A referência à Amazônia ocorre em apenas um capítulo da obra, ainda assim de forma superficial.

Outras identidades regionais, como a identidade nordestina ou de outras regiões brasileiras, assim como a identidade da favela, dentre outras, são, também, relevantes

nessa discussão, embora raramente sejam objeto de debate no campo educacional.

Também encontramos reflexões que contribuíram para nossa pesquisa no estudo realizado por Caixêta Júnior (2019), que focou na discussão sobre identidade de gênero e diversidade sexual em livros didáticos. O autor concluiu que no livro de História há imagens e textos que remetem à categoria gênero, mas há primazia do gênero masculino desde a Apresentação, com referência “ao aluno”. Quanto ao livro de Ciências também há uso de marcas de gênero masculino: “aos senhores Pais”; “aos estudantes”, com predominância de imagens que representam o gênero masculino, com exceção da Unidade 4, que trata da temática reprodução humana. Os dados também evidenciaram que, nos livros, não há textos nem imagens que remetem à discussão sobre orientação sexual, havendo prevalência das representações sobre heterossexualidade.

Enfim, os estudos com os quais dialogamos retratam algumas precariedades no tratamento das heterogeneidades sociais. Nos dados obtidos nas três coleções por nós investigadas encontramos que, de modo geral, os livros afirmam um “compromisso” com um discurso acerca da necessidade de respeito à diversidade humana. Assim, é explicitado nos manuais dos professores que é necessário reconhecer que há pluralidade humana e que é importante respeitar a diversidade. Em relação a esse dado, corroboramos com a defesa feita por Ramos (2011) de que o reconhecimento dessa diversidade por meio de discursos generalistas nem sempre contribui, de fato, para o desenvolvimento de atitudes e de conhecimentos de valorização identitária, combate aos preconceitos e luta pela garantia de direitos. Assim, explicitamos que consideramos fundamental que haja uma abordagem com foco nos diferentes tipos de heterogeneidade, o que nos levou a buscar identificar em cada livro referências às identidades sociais nos manuais dos docentes e nas atividades dos livros dos alunos.

Assim como Caixêta Júnior (2019), não encontramos orientações e nem atividades que remetam à heterogeneidade relativa à orientação sexual, embora seja a que gera um dos maiores níveis de tensões sociais, com elevado nível de preconceito e de violência simbólica e física.

Também foram quase inexistentes as orientações e atividades relativas à heterogeneidade religiosa. Em dois livros esse tipo de diversidade é citado nas orientações gerais dos manuais dos professores, sem reflexões acerca de suas especificidades. Em apenas um livro - Volume 3 da coleção Projeto Buriti – há uma proposta de atividade de leitura (Declaração universal do moleque invocado) que faz referência ao respeito religioso: “Toda criança deve ter seus direitos atendidos, não importa sua cor, raça, religião, língua, se é menino ou menina, rico ou pobre [...]”. Nas orientações aos professores, é reforçada a ideia de que é importante refletir sobre os direitos e deveres da criança. Neste caso, a

religião aparece junto com outros tipos de heterogeneidade. Assim, embora as práticas religiosas apareçam em 3 livros, elas são apenas citadas juntamente com outros direitos, sem comentários específicos acerca dessa diversidade.

Diferentemente do que encontramos em relação às heterogeneidades de religião e orientação sexual, a categoria classe social foi citada em seis dos nove livros. No entanto, apareceu nas orientações gerais nos manuais dos livros didáticos, com poucas reflexões sobre o tema e raras atividades para que os estudantes problematizem as desigualdades sociais quanto à concentração de riquezas no país e seus impactos para o cotidiano das pessoas.

Assim como ocorreu com a heterogeneidade de classe social, a diversidade geracional também foi referenciada em seis dos nove livros. A valorização e interação entre gerações em proposições de eventos de letramento literário é um dos modos de aparição dessa categoria na coleção Ápis. Na coleção Projeto Buriti, o diálogo com pessoas de outra geração é valorizado em uma atividade que foca nas lembranças familiares. Na coleção Novo Girassol, recomenda-se o respeito a pessoas de diferentes gerações, assim como valorização de saberes de pessoas de diferentes faixas etárias, havendo atividades em que se recomenda a vivência de eventos de conversa protagonizados por pessoas mais velhas. Esse tipo de heterogeneidade, portanto, foi contemplado nas três coleções, com diferentes propósitos, embora não seja presente em todos os volumes e seja tratado por meio de atividades esporádicas, sem aprofundamento de discussões sobre as condições do idoso na sociedade.

A heterogeneidade quanto ao gênero aparece em sete dos nove livros. No entanto, não é, também, abordada de modo mais reflexivo, com propostas que favoreçam as atitudes de combate aos preconceitos e fortalecimento da identidade feminina.

De igual modo, as heterogeneidades étnico-raciais, embora presentes também em sete dos nove livros, não são abordadas de modo a, de fato, contribuir com a formação humana crítica dos estudantes. Não há combate efetivo ao preconceito e à discriminação. Embora nas imagens a diversidade étnica seja contemplada, parece haver certa negação dos conflitos oriundos dos pertencimentos étnicos.

O único tipo de heterogeneidade abordado de modo um pouco mais aprofundado foi a diversidade regional, contemplada em 8 dos 9 livros. No entanto, tal modo de tratar essa diversidade foi mais completo apenas na Coleção Novo Girassol, destinada ao campo. Nas demais coleções, predominaram atividades sobre variação linguística. Proposições que podem favorecer reflexões sobre cultura e estilos de vida apareceram no volume 3 das coleções Ápis e Projeto Buriti e de forma mais recorrente nos três volumes da coleção

Novo Girassol, o que pode ser explicado, em parte, pela destinação do material: educação do campo. Ela foi submetida ao Edital do PNL D Campo.

De modo geral, os dados revelam que as obras analisadas não abordam suficientemente as heterogeneidades sociais, de modo que pouco contribuem para a formação humana crítica dos estudantes e para o fortalecimento das identidades sociais, que são tão importantes para o engajamento dos estudantes nos processos de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAIXETA J. J. A. **Educação na Diversidade para a Cidadania**: interseccionalidade gênero/diversidade sexual em livros didáticos de História e Ciências do 9º ano do Ensino Fundamental. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2019.

CASSAB, M.; MARTINS, I. A escolha do livro didático em questão. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 4., Bauru, 2003. **Anais...**Bauru: ABRAPEC, 2003.

FONSECA, K. N. O. **Educação, Identidade e Escola entre os Kambeba**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2018.

JARDIM, J. M. O. **Relatos e reflexões de uma alfabetizadora sobre sua prática**: trabalho colaborativo e heterogeneidade. 2018. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

JUQUEIRA, S. K. C. R. Ensino Religioso e Livro didático: Interfaces Históricas. **Revista Estudos da Religião**, v. 32, n.2, 89-116, ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078, 2018.

MARTINS, E. F.; HOFFMANN, Zara. Os papéis de gênero nos livros didáticos de Ciências. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 132-151, jan./jun. 2007.

PEREIRA, J. B. B.; Diversidade, Racismo e Educação. **Revista USP**, São Paulo, n.50, p. 169-177, junho/agosto 2001.

PRESTES, J. A. W. **Cultura, identidade e memória**: o livro didático de língua portuguesa no contexto escolar ribeirinho de Cametá – Pará. 2020. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Pará, Cametá – Pará, 2020.

RAMOS, H. A. Educação em Direitos Humanos: local da diferença. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 46 jan./abr. 2011.

RODRIGUES, Fabiana Aparecida Franco. **A Prática Pedagógica em Turmas Multisseriadas**: desafios no processo de transgressão. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 2017.



SA, Carolina Figueiredo. **Alfabetização em turmas multisseriadas: estratégias docentes no tratamento da heterogeneidade de aprendizagens'** 23/02/2015 183 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

VICROVSKI, A. K.; LOOS, A. S. **As representações de gênero nos livros didáticos de história**. 2017. Monografia. Universidade Federal da Fronteira do Sul. <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/799/1/VICROVSKI.PDF>. Acesso em 14/02/2023.